

MARIA DA SILVA VIEIRA

VIOLETAS  
DISPERSAS



134.3-1Vieira, M.







VIOLETAS  
DISPERSAS

VERSOS

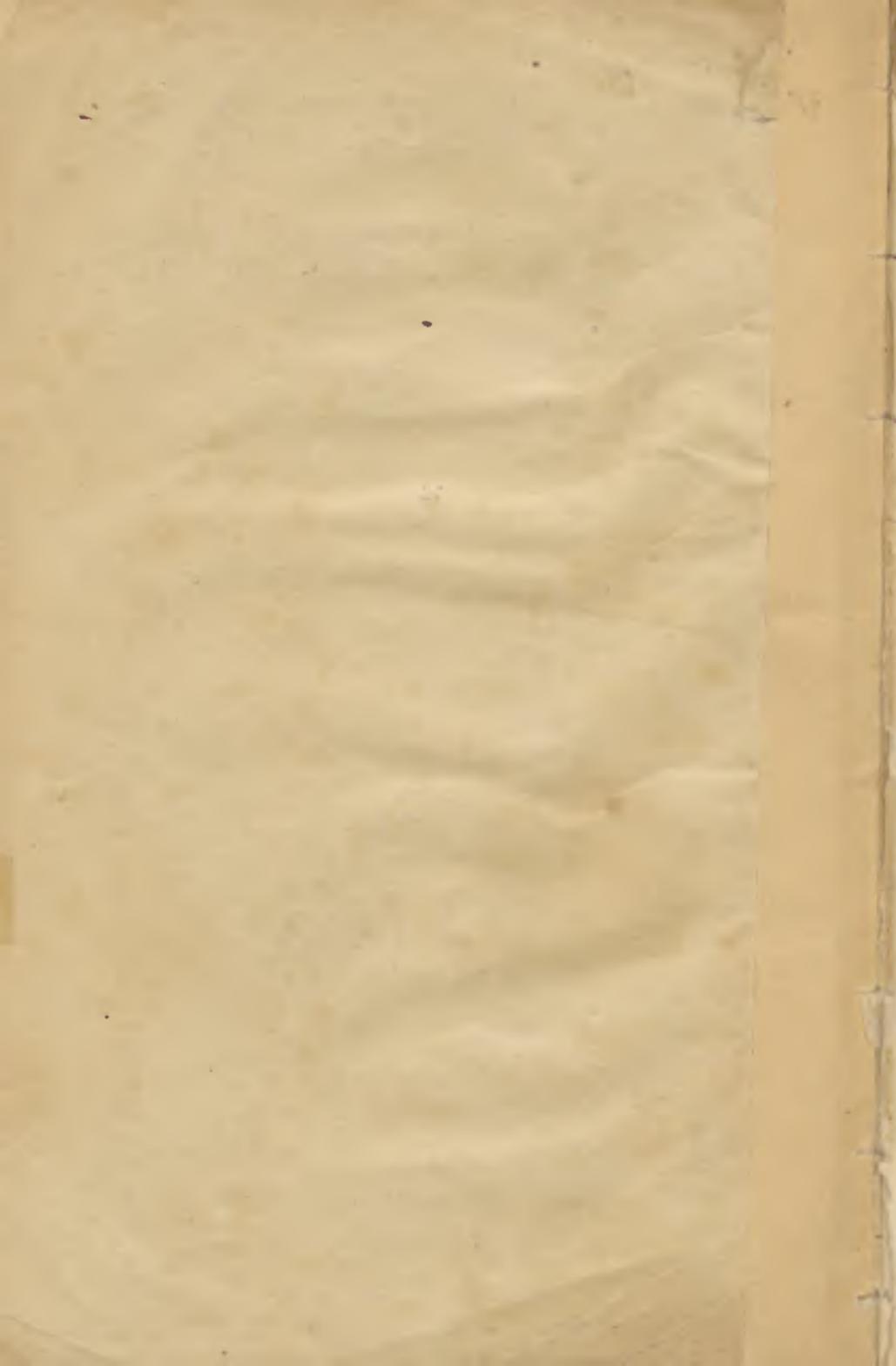
DE

Maria da Silva Vieira



Tipografia Espozendense

1 9 2 2



---

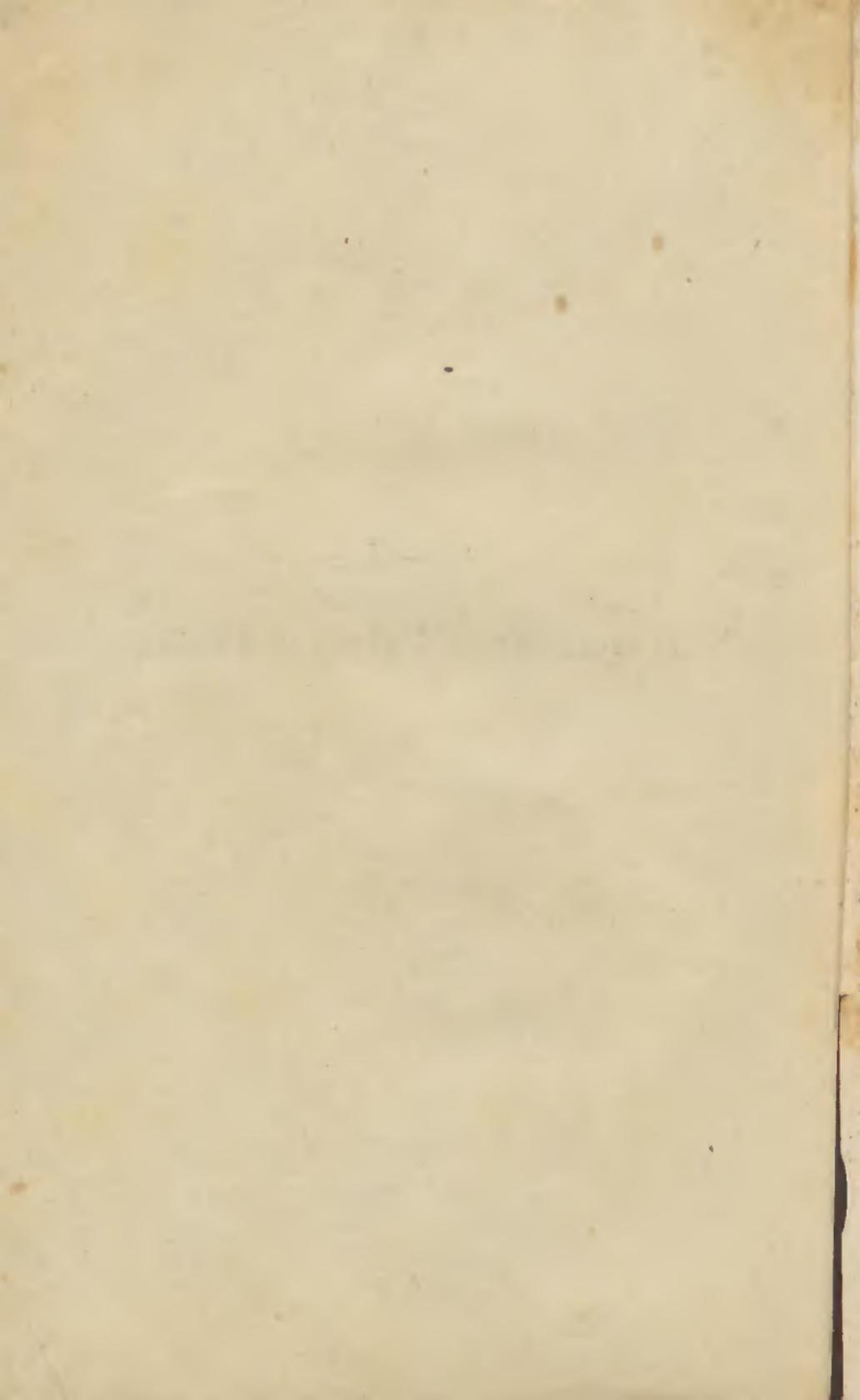
---

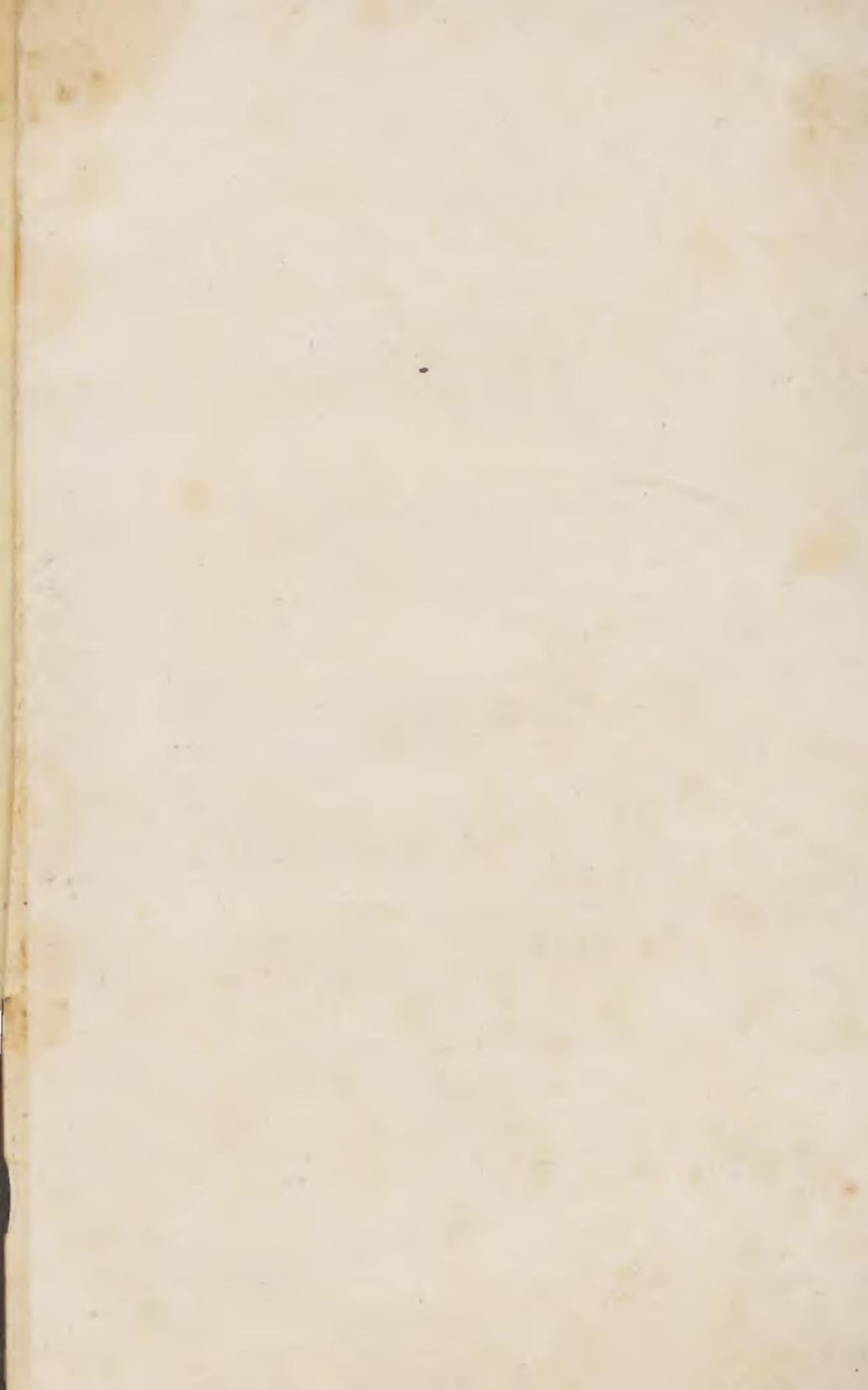
Violetas Dispersas

---

---

no 177







# VIOLETAS DISPERSAS

VERSOS

DE

Maria da Silva Vieira



*Biblioteca Paris*

C. M.  
BARCELOS  
BIBLIOTECA

*13188*

Tipografia Espozendense

1 9 2 2

1870  
1871  
1872

Flora Lidia de Montelhaõ Freitas

Pacheco

8 de janeiro de 1929

## IN MEMORIAM

Pede-me o meu amigo José da Silva Vieira, pai da poetisa que ajuntou esta mancheia de violetas, que lhe escreva duas linhas de comentário. Poderia responder como Eça de Queirós, quando Joaquim de Araújo lhe pedia um prefácio para o seu *Luis de Camões*: seria atar uma bola de chumbo à asa leve duma ave. O livrinho vale por si só, com as suas qualidades e os seus defeitos. Eça de Queirós, porém, sempre escreveu o prefácio; e eu também quero, não escrever um prefácio, mas desfolhar uma saúde no limiar destas páginas, em memória de quem as escreveu.

Não conheci Maria da Silva Vieira. Tenho, porém, entre retratos dos que mais estimo, o seu, que me enviou com uma ingénua e afectuosa dedicatória, pouco antes de se retirar a outro mundo certamente melhor. Descubro-lhe no olhar, que tem a claridade da adolescência e a limpidez duma alma bela, um não sei quê de vaga tristeza e de angústia. Diz-me

quem a conviveu, que a Providência lhe não pleiteara os dons corporais. Os da alma sei eu que voavam muito acima das misérias da terra. Era um lírio a crescer num esterquilínio. A podridão sufocou o lírio, que não pôde resistir-lhe e fugiu para o dia eterno com as pétalas imaculadas.

Um dia, Silva Vieira mandou-me versos de sua filha, e teve a bondade de me consultar e de me pedir que a guiasse sempre que pudesse com os meus conselhos, que tinha a generosidade de reputar valiosos. Mais no caso de os receber que de os dar, não quis eu a-pezar-disso negar satisfação ao pedido dum pai que me apresentava a filha que sôbre tudo amava, trazendo na mão incerta um ramilheite de rimas — avesinha a ensaiar os primeiros vôos e os primeiros gorgeios.

Li os versos. Através das incorrecções da principiante — erros de técnica, ingenuidades pueris, redacção não raro descuidosa — rastreei um fiozinho de sentimento muito feminino, uma simplicidade, uma delicadeza espiritual que me encantaram. Ali não havia literatura. Era o perfume da mulher que sai da meninice e sente, exuberante de seiva, abrir-se-lhe a vida diante dos olhos — o que se desprendia daquêles versos, por vezes sem metro nem harmonia. Corrigi um que outro senão, e devolvi tudo no dia seguinte com palavras de incitamento a produzir mais e melhor. Lembrava-lhe também a freqüência dos nossos poetas, como leitura de proveito e exemplo.

Daí por diante carteei-me directamente com Maria Vieira. Quási todas as semanas me escrevia. Mandava-me versos, pedia-me conselhos e perdão do que ela supunha impertinências — pobre criança! Eu de boa vontade aquiescia, contente de verificar o fruto que dèsses conselhos tirava intellegendamente.

São os versos produzidos nêsse decurso de tempo e alguns, poucos, anteriormente publicados em jornais de provincia e nomeadamente *O Espozense*, que constituem a matéria desta *plaque*. Muitos se perderam, diz-me seu pai. Ignora-se o local em que outros muitos vieram à estampa. E' pena. Também quisera publicar aqui uma comédia de Maria Vieira, em um acto, de que tenho notícia por um artigo de piedade e saúde que o anónimo E. V. publicou há tempos na *Estrella do Minho*.

Maria Vieira já não vive. Matou-se, naquela idade em que, semelhante à lua quando volta para a terra a face iluminada, a vida se nos oferece pelo seu lado côr de rosa. Porque destruiu ela, com a mocidade esplêndida do seu corpo, a planta viçosa do seu talento, que começava agora a desabotoar as primeiras e mais suaves flôres da fantasia e do coração? Não sei. Mas talvez os últimos sonetos dêste livro, designadamente aquêles que remata:

Não levo dêste mundo pena alguma.

A dôr que vai matar-me — ai! — é só uma,

Causada por Alguém — tão infeliz!

Mas ai! Tu não me escutas! Tu também,  
Desprezas esta vida, que êsse Alguém  
Um momento não quis tornar feliz!

talvez, dizia, levantem algum tanto o véu do mistério,  
derradeira mortalha em que se envolveu.

Quem estiver na disposição de ler as *Violetas Dispersas* enfrornado em Marcelina Desbordes-Valmore, ou mesmo em a nossa inspirada Maria da Cunha, pode fechar o livro, que não há por cá termo de comparação. Este livro é para ser lido sem exigência e com indulgência. Sem exigência do que não podia dar um cérebro de 17 anos, desornado de letras, e uma alma simples, sem as complicações da civilização. Com indulgência para os senões que os apoucados anos de Maria Vieira e a deficiência de modelos explicam e escusam.

Também os Grandes assim começaram. O que teria sido da modestíssima autora, se, tão nova e já tão cansada de viver, se não abismara na voragem insondável donde ninguém regressa?

# VIOLETAS DISPERSAS

---

## ESPERANÇA

Em pedregoso atalho, mau caminho,  
Tio Francisco ia andando. Traz na mão  
o companheiro amigo, o seu bordão  
tão velho como o dono, coitadinho.

No tempo em que era novo, um mocetão,  
também o acompanhou, quando baixinho  
de amor falava à Rosa, com carinho,  
ao luar claro, em noites de verão.

Mas isso já vai longe... já passou.  
Um filhinho que a Rosa lhe deixou  
da mocidade é única lembrança.

Pouco tempo depois de se casar  
ela morreu. Ele diz a suspirar:  
"Hei-de torná-la a vêr, tenho essa esperança!"

NATAL

Chega o dia da festança  
mais linda que o mundo tem:  
a festa dessa Criança  
que é Jesus — o nosso Bem.

Já sonhos róseos e ledos  
me estão povoando a mente...  
Já sonho que toda a gente  
me dá bonbons e brinquedos!

Os sonhos que eu tinha então  
e a mesma alegria louca  
voltam ao meu coração,

sem pensar que, de verdade,  
não passam duma ilusão  
tão própria da minha idade...

## BANDEIRA PORTUGUESA

Ao ex.<sup>mo</sup> sr. José Augusto de Almeida Abreu.

Belo dia de Outono, êsse em que a impavidez  
duma falange audaz de bravos sem igual  
te desfraldou no ar pela primeira vez  
ao glorioso sol do velho Portugal.

Vi-te, e pensei assim: " Não há ninguém, talvez,  
que não sinta no peito, ó bandeira ideal,  
pulsar o coração na dôce embriaguez  
de entusiasmo e amor do feito colossal.

Quando vê no feu verde lindo erguer-se a esp'rança,  
delirante, o soldado alvoroçado avança  
defendendo-te assim com garbo e com firmeza.

E quantos a lutar por ti no pó caíram,  
com seu humilde sangue indelével tingiram  
a tua rubra côr, Bandeira Portuguesa!"

## VENDAVAL

Desde a minha janela estou ouvindo  
através do pinhal a sibilar  
o vento furioso, sem cessar  
os pinheiros mais novos destruindo.

Ouç-o também, raivoso, rebramindo,  
os vagalhões fazendo encapelar  
e a voz imensa do imenso mar  
o silêncio da noite percutindo.

Mas depois, suas fúrias abrandando,  
perdão a tudo quanto maltratou  
o vento passa agora suplicando.

É o mar já as rochas não açoita e fere:  
sôbre a areia da praia se prostrou  
como um herói aos pés duma mulher.

VI-TE

Louca, febril, a desfolhar um amor,  
as lágrimas p'lo teu rôsto formoso,  
deslizavam num choro copioso  
caindo sôbre as pétalas da flôr.

E conheci que grande e imensa dôr  
ocultavas ao meu olhar ansioso,  
quando nêsse momento angustioso  
fitei teu rôsto, de mortal palor.

Mas quando, enfim, cessando de chorar,  
confiaste de mim tua amargura  
beijando com carinho os lábios meus,

eu mergulhei no teu o teu olhar  
e vi um mar infundo de ternura  
na doce languidez dos olhos teus.

## INFELIZ

Sem cessar, sussurrante, a chuva cai  
sôbre as pedras pulidas da calçada.  
Batem seis horas. Rompe a madrugada.  
Do tasco em frente uma criança sai.

É eu ouço-a murmurar: — “Oh, minha mãe,  
quero dormir, ninguém me dá pousada!  
Não vês do céu como eu sou desgraçada?...”  
É o seu passo estugando, ela aí vai.

Parou além. E diz, já sem chorar:  
"Acabou de chover. Posso ficar  
nesta porta, talvez, um bocadinho."

Mas ergueu-se de golpe, soluçando  
vendo ao longe seu pai cambaleando  
direito a ela, a abarrotar de vinho.

1919.

AMOR

Andavam passeando no jardim  
enlevados, Armindo e Leonor,  
trocando doces juras dum amor  
profundo, que jamais teria fim.

Mas êle, duvidando dêsse ardor,  
baixo murmura: "Ouve . . . só por mim  
pulsa teu coração?" — E no carmim  
do rôsto seu, brilha a filha da dôr.

Leonor vê seu rosto amargurado  
e, estremecendo, diz ao seu amado:  
— “Enxuga o pranto. Cessa de chorar.”

Êle, feliz: — “As lágrimas de amor  
que tu vês, vou secá-las ao calor  
do teu inebriante e meigo olhar.”

## TRISTE

Da Tristeza no flórido jardim  
eu entrei descuidosa.  
E só reconheci, quando saía,  
que ali perdêra a vívida alegria  
de que era tão ciosa.

Nesse triste jardim, ousadamente  
eu tentei reentrar;  
pensando achar a joia que perdêra,  
sem a qual minha vida, como cêra,  
se escoava . . . a sonhar.

A custo, dominando o meu receio  
    entrar eu consegui;  
inquieta, fremente e vacilante,  
correndo aqui, parando além, arfante,  
    as âleas percorri.

Ais, martírios, perpétuas e suspiros  
    ali só deparei;  
uma saúde mais além pendida . . .  
Mas a minha alegria era perdida  
    jamais a encontrei!

## SAÜDADES

À grata memória da minha amiga Maria  
da Cunha Torres.

Gracioso *bouquet* de lindas rosas  
na tua campa há dias fui depôr  
rescendendo perfumes, odorosas,  
e junto a essas flôres tão mimosas  
a minha cruciante e eterna dôr.

Junto à campa onde moras me quedei  
sentido pranto as faces me banhando.  
Trémula, alucinada, murmurei  
ardentes preces. E ao Senhor roguei  
clemência, se tua alma está penando.

Mas que ideia! Como é que pode estar  
sofrendo a punição da mão de Deus,  
se foste sempre um anjo modelar,  
amor sabendo apenas inspirar  
a todos os estranhos e aos teus?

Era já quási noite; lento e lento,  
descia o sol no mar. Pensando em ti  
o olhar perdido, errante o pensamento,  
suspiros entregava ao brando vento  
que nas asas levou longe dali.

Afastar-me tentei dêsse lugar . . .  
Quando saí de tão longo torpor,  
pensando que te havia de deixar  
de novo sôbre a campa a soluçar  
caí — desabafando a minha dôr.

## O DESERTOR

Emquanto a pruma ao lume vai lançando,  
Um pobre e velho pai ora ao Senhor,  
Ao tempo que, semi-louco de dôr,  
Certa scena cruel vai relembrando.

É que o único filho, o seu amor  
Era partido — nem eu já sei quando! —  
Para terras de França, onde lutando  
O esperava o germânico invasor . . .

Mas o filho voltou. Almas unidàs  
Desabafam saüdades mal contidas  
E estreitam-se num amplexo de amor.

Mas, súbito, eis o filho que estremece ;  
O seu lábio descora . . . empalidece . . .  
E balbucia: "Pai, sou desertor . . ."

MARNE

Naquêl solo, que já dera flôres,  
Hoje vêem-se só mortos e f'ridos;  
Ouvem-se gritos, ouvem-se gemidos  
Dos que se torcem a lutar co'as dôres.

São pais, são filhos, outros são maridos,  
Êsses nos derradeiros estertores  
A suplicarem, entre sangue e horrores  
Meigas palavras, gestos compadecidos.

Um pouco além, um j6vem tem tentado  
Erguer o corpo f'rido, baleado,  
Mas recai s6bre camaradas seus.

Nomes dos que 6le amou e que o amaram,  
Ao tombar, dos seus l6bios se escaparam :  
"Pai... M6e... Esp6sa... Filho... Adeus! Adeus!"

## A MARIPOSA

Certa mariposa  
Voou duma sebe  
E muito de leve  
Poisou numa rosa.

Mal se viu a rosa  
Assim visitada,  
Pregunfa zangada  
À tal mariposa :

"Que é que aqui faz,  
Sua impertinente ?  
Que não deixa a gente  
Um momento em paz ?"

Tanta ingratidão  
Fere a pobrezinha ;  
Desamparadinha  
Cai morta no chão.

## NÁUFRAGOS

O mar par'cia querer-se levantar  
 Arremetendo bravo c'os barquinhos  
 Que rodopiam, sem poder cortar  
 Os vagalhões de neve — tão branquinhos!

E os pescadores, êsses, coitadinhos,  
 As mãos ao céu levantam para orar;  
 Por essa praia, as mães e seus filhinhos  
 Estão em altos gritos a bradar.

Mas o mar não escuta aquela prece  
E cada vez mais sobe e se enfurece  
Submergindo, hiante, ameaçador,

Homens e barcos, num arranco forte.  
No entanto, êles pensando só na Morte  
Cerram os dentes p'ra abafar a Dôr...

DE NOITE

Nas ruas da cidade adormecida  
Eleva-se uma voz triste e magoada,  
Ao som de melodiosa guitarrada  
Que por mãos sabedoras é tangida.

Dissiparam-se as trevas... Madrugada...  
E ainda se ouve ao longe, dolorida,  
Cantando trovas, uma voz sentida  
No silêncio da noite já passada.

Além, homens de róstos avinhados  
Cambaleiam, cabelos desgrenhados,  
Sórdidos, a vomitar imprecações.

Atrás, uma mulher esfarrapada  
Lamenta a sua sorte desgraçada  
Entre injúrias, pancadas e encontrões.

## NA ALDEIA

Serpeia clara a água da ribeira  
Onde môças morenas, mas formosas,  
Ostentando no peito lindas rosas  
Mergulhavam os pés por brincadeira.

Mas, tremendo ao contacto da água fria,  
Dos seus lábios grifinhos se escapavam  
E seus pés novamente mergulhavam  
Com vozes de triunfo e de alegria.

Já na ermida tocaram as Trindades.  
E umas dizem às outras: —“Já são horas  
De nos irmos chegando, e sem demoras...  
Adeus, Domingo, só deixas saüdades!”

Assim dizem, e assim se vão partindo  
Para casa, onde já são esperadas,  
Radiantes, contentes, descuidadas,  
Cantando alegres, mais alegres rindo.

“ALMA MINHA GENTIL,  
QUE TE PARTISTE . . .”

À memória de meu querido irmão Daniel  
da Silva Vieira.

Num pequeno caixão, de flôres recamado,  
Adormeceu p'ra sempre um ente estremecido,  
Cravo que feneceu, mal que fôra nascido  
E que nasceu p'ra ser do nosso amor cercado.

Chamava-se Daniel o meu irmão querido,  
Que a morte me levou e Deus tem ao seu lado.  
O que serias tu? Um poeta? ou um soldado?  
Tudo podias ser, se acaso 'tens vivido.

Confrange-se-me agora o pobre coração  
Lembrando-me que um dia, exausta de viver,  
Deus me há-de marcar a hora da partida.

E então irei a ti, ó meu saudoso Irmão,  
Pondo termo na terra à dôr do meu sofrer  
Para viver contigo a glória doutra vida.

## A MORTE

Monstro horrendo, implacável, inconstante,  
Olhos vazios, rôsto escaveirado,  
A Morte, com seu seio descarnado  
Enche-nos de pavor a cada instante.

Em seu manto, ela traz sempre ocultado  
Um alfange de gume assás cortante,  
Que faz parar o seio palpitante  
É o coração ao pobre condenado!

Montando o seu corcel, sem se cansar,  
Lá vai correndo Mundo, a espedaçar  
Os corações dos filhos e dos pais! . . .

Monstro feroz! Sustém as investidas,  
Não ceifes em tão pouco tantas vidas,  
Deixa em paz êstes míseros mortais!

## CEIFEIRAS

Entre as nuvens, p'ra além dos arvoredos,  
Pelo céu alto vai o sol subindo,  
No campo em flôr seus raios espargindo,  
Iluminando os prados e os vinhedos.

Nos atalhos franjados de silvedos  
Em grupos, as cachopas vão surgindo,  
Lançando ao ar cantigas; e, sorrindo,  
Contam umas às outras seus segredos.

Mas se as vêdes tam cheias de alegria  
Heis-de supôr que vão à romaria . . .  
Vão apenas ceifar loiras espigas.

È eu, ao vê-las passar c'roadas de hera,  
Digo p'ra mim: — Quem dera ser, quem dera  
Uma destas airosas raparigas!

## SÚPLICA

O' Morte, ó Morte! porque tardas tanto  
Quando por ti continuamente anseio?  
Não te detenhas, vem, vem sem receio  
Pôr termo ao meu angustiado pranto.

Ah, com que rancor a vida odeio!  
Eu desprezo-a, a vida . . . É no entanto  
Eu amo o cemitério, amo êsse santo  
Lugar do meu affecto e devaneio.

Desejo a morte! . . . Mas porquê, Senhor?  
Porque sinto em meu peito tanta dôr?  
A mim mesma o pergunto em vão . . . Não sei!

Por ignoto sofrer alanceado  
Eu sinto o coração espedaçado . . .  
Fazei que eu vá p'ra vós, Senhor, fazei!

## LUCIANA

Descendo o monte, logo manhãzinha,  
Vinha Luciana alegre e prazenteira,  
Deixando a fiar ao canto da lareira  
A avó, já muito trémula e velhinha.

Chegando à fonte, é sempre ela a primeira  
A encher sua vermelha cantarinha  
De água, que muito límpida e fresquinha  
Cantando vem da fonte, na ladeira.

Mas hoje que a velhinha lhe morreu  
A graça e a alegria esmoreceu  
Nas suas faces tristes e morenas.

Só lágrimas as molham; os descantes  
Acabaram; não é quem era dantes  
Já não ri, já não canta — chora apenas.

## ANDORINHAS

Vão em breve erguer vôo as pressurosas  
Mensageiras da cálida estação.  
Com elas vão as horas saüdosas;  
Fica o vazio em nosso coração.

Nos parques e jardins, dâlias e rosas  
C'o frio inverno em breve murcharão  
Ê juncarão as pétalas cheirosas  
Os canteiros, dispersas pelo chão.

Não ouviremos mais os variados  
Seus alegres chilreios e trinados,  
Nunca mais seu gorgείο mavioso.

Logo que elas se forem — que tristeza!  
Uma mortalha cobre a Natureza  
E tudo fica triste e silencioso.

## A ESCOLA

Cantando e rindo, mal rompera o dia,  
Ei-los transpondo o limiar da escola,  
A pasta sobraçada ou a sacola  
Saüdando o professor com cortezia.

Nos seus lugares cada um se acola  
E ouve com prazer e alegria  
Seus conselhos. Depois, em correria,  
Veem aos bandos até à aldeola.

Lembrar-se a gente que há quem sinta horror  
Aos livros, à escola, ao professor,  
A tudo que pertença à instrução!

Crianças loucas! . . . Não sejais assim!  
Lembrai-vos de que a Escola tem um fim  
— Instruir-vos, que é mais que dar-vos pão!

## CIÚMES

No meu jardim há uma fresca rosa  
Que das mil outras flôres é inveja.  
E' tão vermelha como uma cereja . . .  
De todas é a mais bela, a mais vistosa.

A borboleta em derredor adeja  
Aspirando-lhe o aroma, de que gosa  
Avidamente. É cauta e receosa,  
Oscula a flôr aberta que flameja.

Eu, cheia de ciúmes pela rosa  
Assim ter-se deixado cortejar  
Corto-a sem dó — a mal-aventurosa!

E agora, que eu assim a fui cortar,  
Desafio-te, oh branca mariposa  
Que ao peito meu a venhas oscular!

## IDOLATRIA

A uma criança.

Vi-te passar na alameda  
Resplandecente de alvura;  
Formosa, gentil e lêda,  
No teu vestido de sêda,  
Tinhas da neve a brancura.

Sentiste os olhares meus,  
Ficaste côr do carmim;  
E fitando os olhos teus,  
Eu, do céu fugido a Deus,  
Julguei vêr um querubim.

E quando um beijo pousei  
Nessa face de cecém,  
Contra o peito te apertei  
Pois que voasses receei  
P'ra tua mãe que Deus tem . . .

1919.

## INVEJA

Ao autor duma carta anónima, occulto  
sob o pseudónimo de *Inédito*.

Maldito seja aquêlê que, cedendo,  
Por ela se deixou avassalar.  
Não há nada no mundo mais horrendo  
Do que é o nosso próximo invejar.

Vai o gérmen maldito malfazendo,  
Vai fibra a fibra da alma desfibrar,  
Vai manso e manso entrando e corroendo  
Na obra destrutiva de empèstar . . .

Quem a Sorte assinala de invejoso,  
Não pode viver simples nem ditoso:  
A inveja roi-lhe o próprio coração.

Naturalmente, inveja os inimigos,  
Mas inveja até mesmo seus amigos,  
Inveja o próprio pai, o próprio irmão!

## NOIVOS

Andava alegre a linda Conceição  
O seu noivo esperando, no momento  
Em que a mãe lhe depôs, com gesto lento  
Uma carta enlutada na alva mão.

Segreda-lhe a verdade o coração :  
O seu olhar imóvel fixa atento  
A fatal carta. E pelo pavimento  
Rola, soltando um grito de aflição.

Volta a si, inda trémula e sem côr;  
Chora e baixinho diz, louca de dôr:  
— Morreu?... Que importa?... Eu morrerei também!

E sem mais um lamento, sem um ai,  
Ergue-se um pouco, mãos no peito, e cai,  
Indo unir-se ao seu Noivo no Além.

A TI

Seja maldita a hora em que te vi!  
Era de tarde—à hora do sol-pôr.  
Falaste-me. Escutei-te com fervor.  
E o meu coração pulsou por ti . . .

Despediste-te, enfim. E eu parti . . .  
Louca que eu fui! Amei-te com calor.  
A vez primeira soube o que era amor,  
Mas depois, que castigo! O que eu sofri!

E sofro ainda . . . Sofro! . . . Que loucura!  
Esquecer-te? Só quando à sepultura  
Me levarem, fechada num caixão.

Mata-me, meu amor, mata-me embora,  
Que a morte me será consoladora,  
Mas não me negues o teu coração!

## LÁGRIMAS

As lágrimas! As lágrimas! São finas  
Joiás de preço e altíssimo valor  
Que subtis se desprendem das retinas  
Na maior alegria ou dissabor.

Pelas faces correndo diamantinas  
Em rosários diáfanos, sem côr,  
São formosas assim, tão pequeninas,  
Mas cruciantes, quando são de dôr.

Eu só lágrimas tenho! Que viver!  
Nem para lenitivo uma esperança,  
Nem p'ra enxugá-las tenho um só prazer...

Tão nova ainda... Ainda uma criança,  
Tenho a corôa de espinhos do sofrer  
E o coração de palpitar se cança!

DORMIR... SONHAR...

Se a cabeça pousâmos, abatida  
Desta luta de insanas convulsões  
No côlo de Morfeu, lindas visões  
Nos povoam a mente adormecida.

Voâmos, a sonhar, às vastidões  
Do Além, que desconheces, minha vida,  
Um louco sonho, a quem damos guarida —  
Tantas vezes desfeito em ilusões!

A cabeça, Morfeu, vou reclinar  
No colo teu. Os olhos vou fechar.  
Teu manto sôbre mim vem estender.

E depois, não me acordes de repente!  
Deixa, deixa dormir eternamente  
Êste corpo cansado de sofrer!

## ABANDONO

Meu dolente cantar, ó Musa, inspira,  
Que a vida sinto já quase a fugir.  
Ah, não fujas! Escuta! Vem-me ouvir,  
Se recusas teus dons à minha lira.

A ceifeira implacável vai ferir—  
Este peito, que só por ela aspira.  
A tua souce, ó Morte, que me fira  
Tempo é de descansar! Quero dormir!

Não levo dêste mundo pena alguma.  
A dôr que vai matar-me — ai! — é só uma  
Causada por Alguém . . . tão infeliz!

Mas ai! Tu não me escutas! Tu também  
Desprezas esta vida, que êsse Alguém  
Um momento não quis tornar feliz!

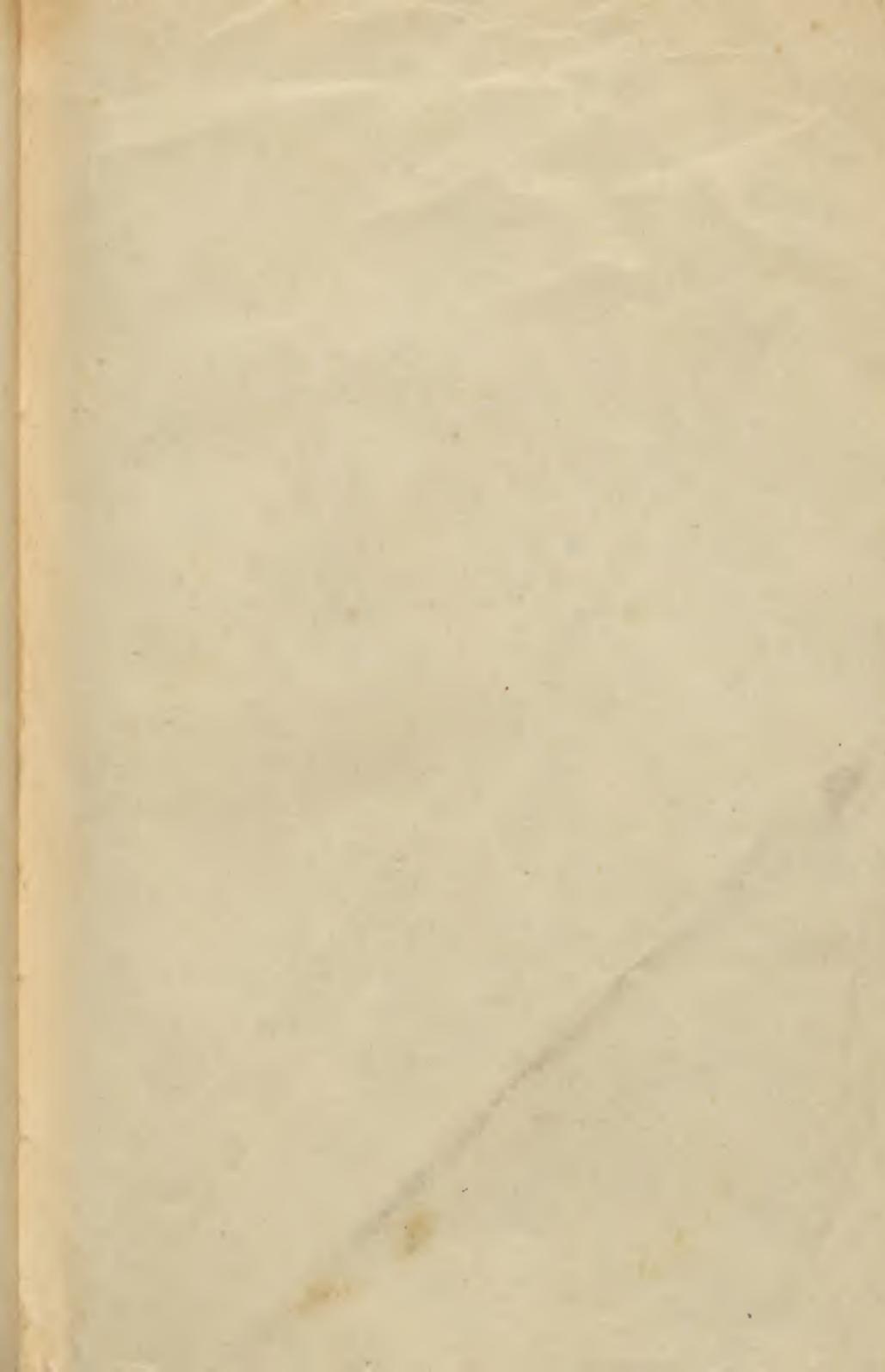
Mês das flores.

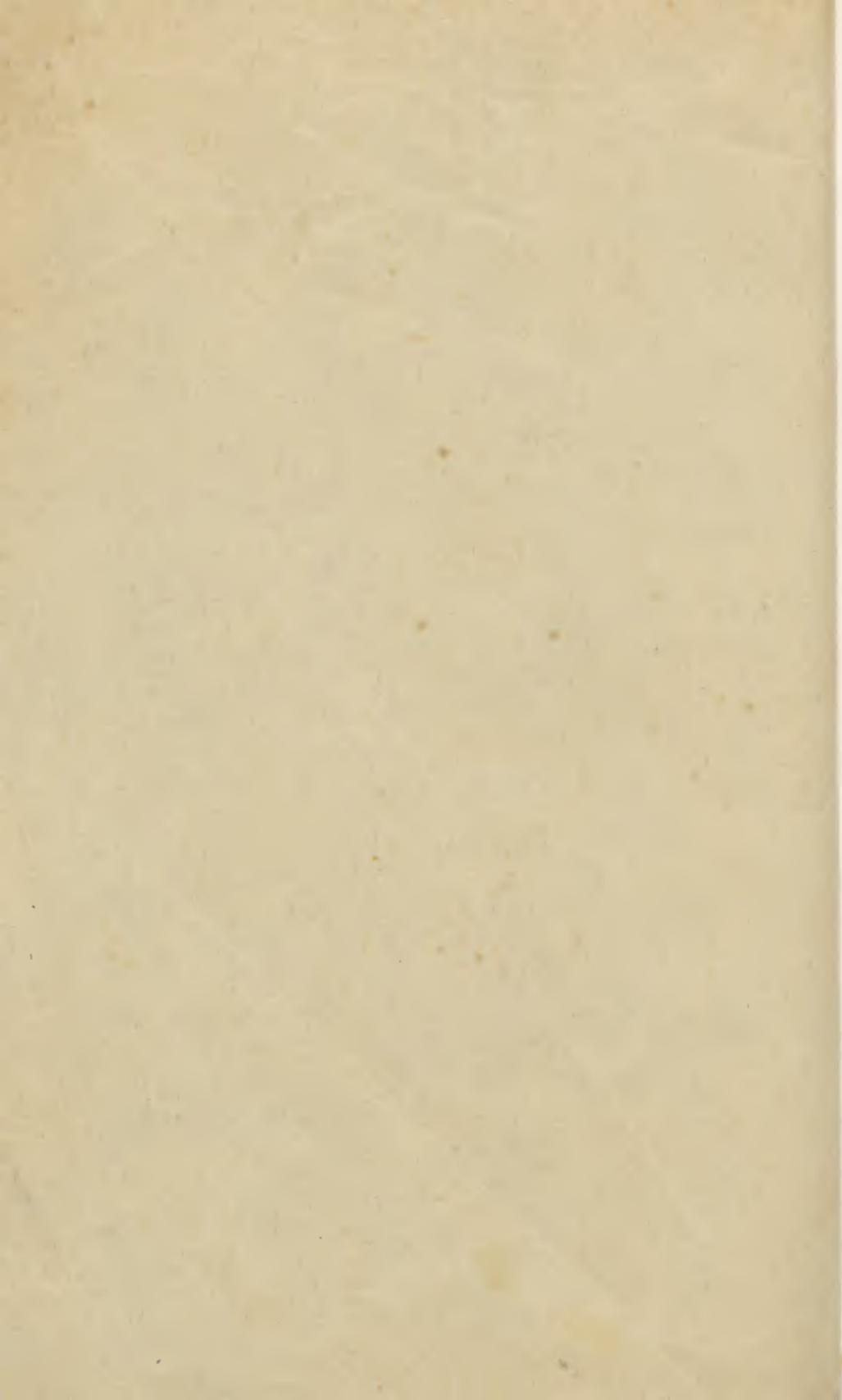
# ÍNDICE

---

	Pág.
IN MEMORIAM . . . . .	V
Esperança . . . . .	9
Natal . . . . .	11
Bandeira Portuguesa . . . . .	13
Vendaval . . . . .	15
Vi-te . . . . .	17
Infeliz . . . . .	19
Amor . . . . .	21
Triste . . . . .	23
Saiudades . . . . .	25
O desertor . . . . .	27
Merne . . . . .	29
A mariposa . . . . .	31
Náufragos . . . . .	33
De noite . . . . .	35
Na aldeia . . . . .	37
*Alma minha gentil, que te parliste...*	39
A Morte . . . . .	41
Ceifeiras . . . . .	43
Súplica . . . . .	45
Luciana . . . . .	47
Andorinhas . . . . .	49

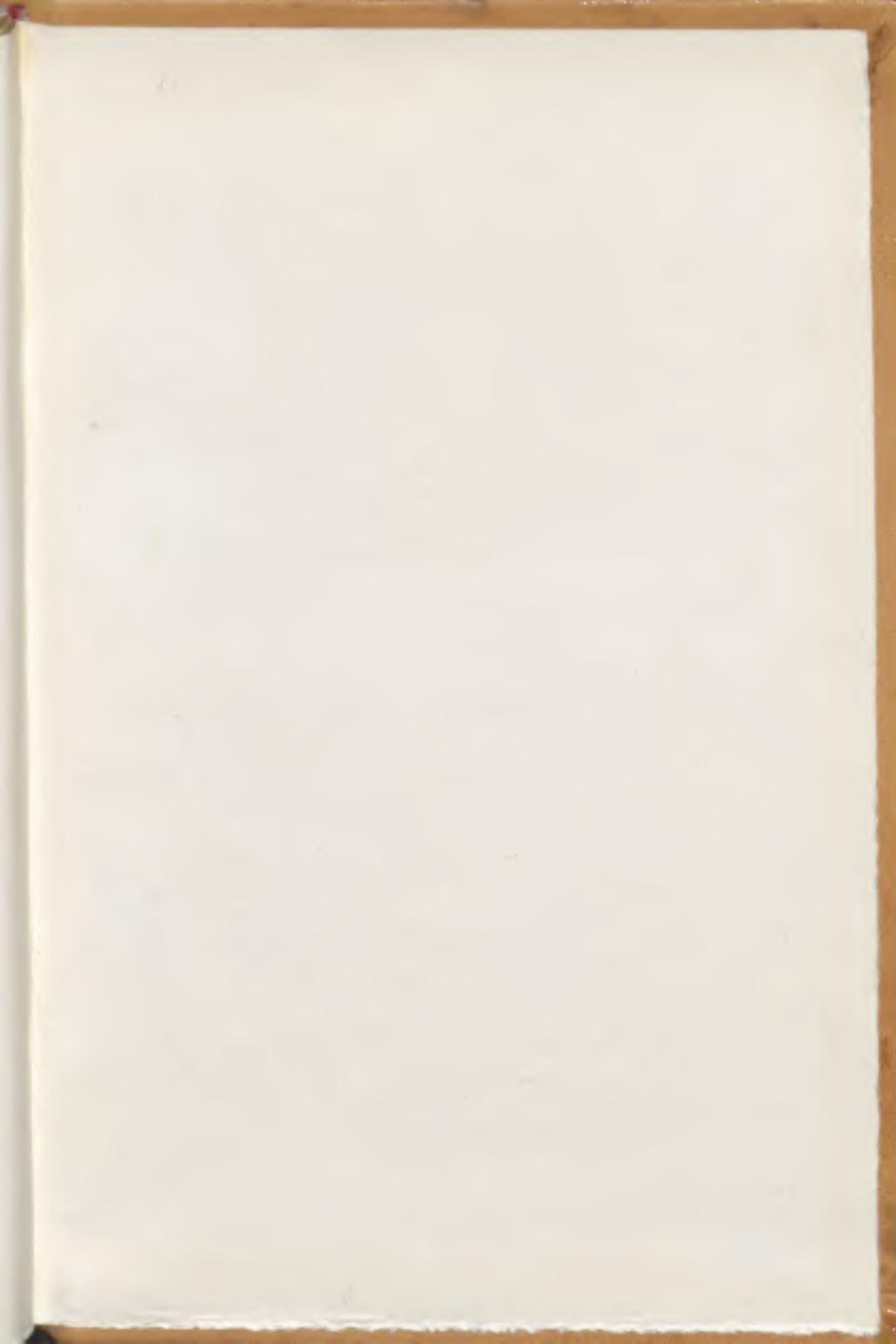
	Pág.
A Escola . . . . .	51
Ciúmes . . . . .	53
Idolatria . . . . .	55
Inveja . . . . .	57
Noivos . . . . .	59
A Ti . . . . .	61
Lágrimas . . . . .	63
Dormir... Sonhar... . . . . .	65
Abandôno . . . . .	67











biblioteca  
municipal  
barcelos



13188

Violetas dispersas